

ÉTICA E ESTÉTICA DÃO A LUZ À ALTERIDADE: TEATRO DE BOAL: UMA POSSÍVEL LEITURA PARA O CAMPO EDUCATIVO

Márcia Regina Forti Barbieri¹

Resumo: Identifica-se na proposta de Augusto Boal, contribuições para que se constitua um sujeito sensível e produtor de conhecimento, na vivência em sociedade – com apoio da ética, a estética orienta a ação e propicia o prazer de criar. Delineia-se nessa proposta uma pedagogia que nos torna sensíveis ao mundo em que vivemos e também às pessoas, que nele convivem conosco; abre-nos possibilidades de trabalho e reflexão no processo educativo, que nos incomodam e nos instigam a buscar novas soluções, para que ao nos depararmos com conflitos e problemas novos e de difícil solução, não venhamos a impor aquilo que já dominamos. É nos proposto lançarmo-nos a novas descobertas sem que nos encaixemos, ou forcemos a outrem encaixar-se, a algo já determinado, por falta de ousarmos o novo. Ultrapassa-se o domínio dos conteúdos curriculares estabelecidos no intento da humanização, que trará consigo outros frutos desejados.

Palavras-chave: ética – estética – alteridade

Abstract: It can be identified in the proposal of Augusto Boal contributions that constitutes a sensible citizen and knowledge producer when living in society - with support of the ethics, the aesthetic guides the action and propitiates the pleasure to create. The Pedagogy that is delineated in this proposal makes us sensible to the world where we live and also to the people who coexist in it with us; it opens for us possibilities of work and reflection in the educative process that bother us and instigate us to search new solutions, so that when facing conflicts and new problems of difficult solution we don't impose a way to solve that we already dominate. Boal recommends that we launch ourselves into new discoveries without incasing or forcing somebody to incase itself in something previously determined instead of trying the new. The domain of the established curricular contents is exceeded in the intention of the humanization that will bring whith it other desired fruits.

Key-words: ethics - aesthetic - alterity

¹ Mestranda em Educação junto ao PPGE - Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP; Núcleo de Filosofia: o Conhecimento e a Educação e Professora junto a Universidade Paulista – UNIP.

INTRODUÇÃO

O Teatro do Oprimido, de Augusto Boal – professor, teórico, diretor, dramaturgo que atua na exploração das operações complexas e múltiplas dos seres humanos como atores e seres sociais – contempla um projeto no qual o indivíduo atua e não se faz somente espectador. Nasce em resposta a um momento político que atinge diretamente ao autor – a ditadura instaurada na década de 1960 – quando o país foi tomado pelo pensamento repressivo e levou a arte a ser combatida juntamente com pensamentos coletivistas, humanistas, socialistas, ou solidariedade de classe, entre outros.

O Teatro de Boal, permeado pelo respeito à pessoa humana e pela sensibilidade, traz em si uma proposta de humanização. Faz-se instrumento de transformações e abre possibilidades de expressão, movimento, pensamentos e intervenções, que despertam o desejo por um ser humano que se veja e se compreenda; que viva e se posicione na sociedade, o que entendemos interessar diretamente à Educação.

Desejamos pensar o campo educativo a partir das considerações presentes no Teatro de Boal. Para tal, iremos evidenciar que nele se faz presente, uma estética que propicia o prazer de criar ao sujeito, que age apoiado em uma ética; como se dá a articulação do sujeito produtor de conhecimento com o sujeito sensível que se constrói; como o outro é chamado à percepção e à aceitação como legítimo na relação que com ele se constitui.

ÉTICA E ESTÉTICA: CAMINHO ABERTO À ALTERIDADE

A obra teórica de Boal apresenta os fundamentos para o teatro. Ao analisá-la, juntamente com textos de autores que possibilitam a discussão sobre a importância de ser e do conhecer-se, para lançar-se à alteridade, tivemos aberta a oportunidade de refletirmos e discutirmos, no fluir do diálogo aí nascido, as possibilidades para a educação na sociedade contemporânea, trazidas pela proposta de Boal.

Imaginamos que o desejo pela construção de um ser humano mais sensível interessa, não só à área teatral, mas também à área da educação, pois a esta última cabe agregar a diversidade ao processo educativo e desta forma valorizar a riqueza que ela traz para a composição da sociedade.

Ao firmar sua proposta de teatro Boal (1999:73) explicita que "...a criação do ator deve ser, fundamentalmente, a criação de inter-relações com outros atores (personagens)".

Opõe-se claramente às diversas formas de dominação que sobrevêm ao ser humano e traz relevância ao reconhecimento do outro. Provoca-nos a reflexão sobre como essa proposta pode contribuir com processo educativo e instiga-nos a chamar o indivíduo a desenvolver sua capacidade de reconhecer ao outro e ser, juntamente com ele, sujeito que se lança à busca de seu ser e propõe reflexões sobre suas descobertas e sobre seu entorno – naturalmente, no processo lhe ocorrerá identificar-se com alguém afetivamente sem que isso anule o desejo e compreensão da importância de um posicionamento pessoal, que o fará único sem anular o outro.

A proposta de Boal prima em preservar a dignidade humana e o respeito ao poder de decisão e expressão de cada um, o que diz respeito, diretamente, ao processo educativo se reavermos que o espaço educacional também é espaço de convivência com o outro onde, conforme Maturana (1998), transformações ocorrem em todo o tempo e reciprocamente, então, necessário é chamar os indivíduos à responsabilidade e à liberdade, enquanto co-criadores do mundo em que vivem. Descobrir o verdadeiro em si, coopera para melhor discernimento sobre o que buscar nas realizações, nas pessoas, e em sua relação com o mundo.

Tal empreita requer mudança de pensamento diante de uma formação, na qual desde a infância nos é inculcado por correto obedecer à autoridade, sem contestação, como se esta fosse imune às falhas; por errôneo divergir de quaisquer figuras que simbolizem detenção do saber, como se estas fossem detentoras de verdades únicas e indiscutíveis. Mas, podemos refletir sobre tal formação a partir da fala de um paciente em *Fleury-les-Aubrais*:² "*Ele é um homem. Ele existe e, assim, tem o direito de dizer não. E nós temos o dever de respeitá-lo.*"

² *Fleury-les-Aubrais* é um hospital psiquiátrico, no qual Boal dirigiu uma oficina de teatro pelo período de dois meses, envolvendo enfermeiros, médicos, pacientes, estagiários e funcionários no geral e descrita em BOAL (1996. :65-9).

Implica em trazer à cena o outro como sujeito, pois a negação do outro o reduz a objeto sem poder de escolha, ou desejo; criam-se barreiras à sensibilidade e determina-se quem

tem o poder da palavra – o outro, uma vez que não é percebido como merecedor de respeito será algo a se dominar.

Entender as diferenças permite o exercício do respeito, sem torná-las deficiências, ou mesmo utilizá-las para rotular, estereotipar ou classificar indivíduos. Importa antes, reconstituir ou construir a natureza do que é o outro, do diferente, que permite a distinção de uma totalidade e o brotar da sensação da necessidade do cuidar e ver o outro em gozo do exercício de sua capacidade de ensinar e aprender conosco.

Diferenças existem. Não podem e nem devem ser apagadas. E se assim é, pensemos a crença na existência de classes homogêneas: Quanto preconceito abriga?

Ao abrigar a pedagogia padronizada, que reforça modelos de pessoas e comportamentos julgados como ideais e impostos como únicos aceitáveis dentro do normal convencional, a escola acomoda aos que se julgam autorizados a atuarem em espaços vistos como reservados aos donos de saberes e não às pessoas “comuns” e dificultam perceber o outro como aquele que é livre e pode também ensinar algo. Para Boal, em contrapartida, o indivíduo é dotado de sensibilidade aperfeiçoada, é capaz de propor alternativas, observar conseqüências, julgar, refletir e pensar estratégias e assim concebido, estabelece um dinamismo que aflora em criatividade e traz novidade. Não deveria ele ser assim percebido no processo educativo?

Boal propõe a abertura de oportunidades na busca por soluções que venham ao encontro da necessidade de alguém, reconhecendo-as importantes e legítimas, passíveis de serem generalizadas, ou não, de sua individualidade para a necessidade do ser humano. A mudança de percepção implicaria, principalmente, em abrir-se à oportunidade de aprendizado com o outro, enquanto este também, tem a oportunidade de se descobrir, constituindo-se num momento criativo, onde interrogações são propostas pelo outro e para o outro, provocando o desenvolvimento da autonomia à medida que se torna necessário formular e expor soluções.

A pessoa ou grupo interessado pode falar por si mesmo sem se representar por um grupo ou ideologia que fale em seu nome e no diálogo, revela-se a dignidade humana. Isso interessa ao processo educativo, pois possibilita pelo diálogo, a descoberta do outro, que se revela porque goza dessa oportunidade e garante que o indivíduo, assim como o outro, possa usufruir da liberdade de ser; contribui para a construção do sujeito na

interação entre indivíduos, de maneira que uma maior autonomia se viabiliza e juntamente com ela o crescimento enquanto sujeito – uma vez que, à medida que se opera, a transformação ocorre em nós e também no outro.

Boal (1980:28) quando propõe que: “*Os homens não são todos iguais, mas certamente são semelhantes e possuem todos os mesmos atributos.*”, compreende os seres humanos com igual potencial – manifesto ou não. Indica-nos, que os homens possuem iguais vocações e que alguns se especializam em algumas, sem retirar o direito do outro desenvolver sua vocação em razão de não ser um especialista na mesma, ou por praticar um determinado ofício. A igualdade se dá entre pessoas reconhecidamente diferentes que, no encontrarem-se, as próprias diferenças entre elas possibilitam desenvolver uma relação mais igualitária, sem marginalizações, pautando-se na sensibilidade de reconhecimento do outro. Esta visão valoriza moralmente, esteticamente e intelectualmente o sujeito e confronta-se com o preconceito que se alinhava dentro do processo educativo, que se utiliza da pedagogia do rótulo – nega compreensão ao modo de ser do outro, à cultura que ele comporta, não se abre a seus pensamentos, a sua criatividade, para que ele se revele – e tece julgamentos de incapacidade, inferioridade ou superioridade.

³ A vivência se dá em um hospital psiquiátrico cujo relato se encontra em Boal (1996 : 60-5).

⁴ Termo comum na época em que Boal escreve e que, conseqüentemente, é também por ele utilizado.

A vivência de Boal em *Sartrouville*³ – lugar em que as diferenças, nítidas em indivíduos que em igualdade de situação e não de potencial, por seu olhar, a priori, foram generalizados como excepcionais⁴ – permitiu que ele sentisse a força do olhar que marca o indivíduo, por ter se utilizado

dele; permitiu que presenciasse a revelação, dada oportunidade de serem sujeitos ativos, da individualidade e o potencial de cada um em tomar decisão frente à ação. A partir disso Boal (1996a:63) indica que: “*Na realidade cada um mostrava uma parcela maior de si mesmo, nuances, individualidades.*”. Ao se dissolverem os preconceitos, emerge um processo educativo que se dá em função da construção do sujeito criativo, autônomo e livre, capaz de operar mudanças em si mesmo e no mundo. Mas, para isso, há que se pensar no fardo que se coloca sobre o outro, no qual recai nosso olhar, principalmente se rotulador. Boal, ao revelar ter considerado ser paciente um jovem que era, na verdade, um cooperador, faz a seguinte reflexão:

Suponhamos que, como Georges, eu tivesse sido considerado como um doente. Quanto tempo teria sido capaz de resistir? Não por toda a minha vida. Se a imagem que se divulga de mim for a de um louco, como convencer de que não é verdade? Como não acomodar-se? Para mim, teria sido difícil, mas, para um jovem, o é muito mais. (BOAL, 1996:65)

O princípio ético que orienta a proposta de teatro de Boal nos chama, em todo tempo, a perceber o outro. Ressalta os diferentes enquanto base de relações igualitárias. Ao se perceberem, aceitam-se como diferentes e caminham para uma relação onde não se marginalizam: aceitam-se justamente por não se verem como objetos de padronização. É legitimada a dignidade humana e despertada a mudança, que humaniza e garante, a todos, reconhecimento e liberdade em ser.

Encontramos na proposta de Boal, preocupação com a estética da comunicação em geral – diálogo entre nações, familiares, ou escolares e em todas as suas formas é questão essencial – e buscam-se formas dialogais sobre e com a pedagogia, a política, a psicoterapia ou a atividade social e isso é relevante, pois quando verdadeiramente conversamos, conforme Maturana (1998), as emoções e a linguagem se entrelaçam e as ações e emoções fluem consensualmente, marcando o conversar. Mas, Boal (1996b) nos faz atentar sobre a ausência do diálogo em situações nas quais, mesmo sem premeditação, é simulado e se representa por monólogos concomitantes, tal qual se encontra no diálogo dos personagens Fabiano e sinhá Vitória, na obra “Vidas Secas”:

...e ouviam a conversa dos pais. Não era propriamente conversa, eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto. (RAMOS, 2000:63)

Tal situação é igualmente presente na escola? Indivíduos reunidos desenvolvem seus monólogos sem serem entendidos e cada um fala do que crê ser importante para si, sem preocupar-se em ouvir o outro ou em ser ouvido, revelando descaso à transitividade necessária para que o conhecimento se construa? Falta reflexão ao cumprir papéis a eles atribuídos? Ignora-se como ultrapassar tal barreira? Ou se oportuniza considerar o dever cumprido, sabe-se como?

Diálogos reais são necessários – no verdadeiro sentido de sua significância – e parcela desse acontecimento compete ao educador, se partimos do papel que lhe é atribuído dentro do processo e da responsabilidade que lhe cabe quanto à percepção de necessidades dos que lhe chegam. Pressupor a existência de conteúdos que dispensam espaços para diálogos, ocasiona a perda da oportunidade do desfrute de melhor compreender a vida a qual vivemos e a qual podemos construir, pois indica Maturana (1998:37) que: “Somos conhecedores ou observadores no observar, e ao ser o que somos, o somos na linguagem... e ao sê-lo, o somos fazendo reflexões sobre o que nos acontece.” Ao que Boal propõe uma possibilidade para que o indivíduo alcance a compreensão da realidade da qual faz parte a partir da idéia de que todos os seres humanos – ainda que não percebam que fazem teatro, o fazem – pois agem, são atores e observam, são espectadores; então, todos, indistintamente, atuam, agem e interpretam. Então, Boal (1991:137) aponta que: “...a realidade é mais perfeita e amplamente conhecida através da soma de todas as linguagens capazes de expressá-la” e reconhece a linguagem teatral como uma das linguagens que possibilita alcançar o conhecimento, sendo a mais essencial e humana; mas, a palavra *espectador*, referendando àquele a quem somente se destina o ouvir, enquanto se reserva o falar a quem deveria ser o interlocutor, instala a intransitividade, que para Boal (1980:26): “... é sempre *autoritária, castradora, inibidora, e deve ser destruída em qualquer estrato da sociedade onde se encontrar, na família ou no partido político, na escola ou na paróquia, no bairro e no teatro*”.

Maturana (1998) considera que mesmo que haja momentos dentro da sociedade humana em que relações de poder sejam aceitas isso não as torna, definitivamente, relações sociais. Consideremos então, que uma sociedade autoritária viabiliza a instalação de uma pedagogia autoritária, mediante a qual se institui o monólogo, que leva o homem à condição de objeto, causando-lhe a atrofiação da criatividade, da capacidade de participação e de contribuição da qual é portador. Mecaniza seus pensamentos e respostas e leva-o a reagir sempre da mesma maneira mesmo diante de fatos novos. Mas, o “caráter subversivo”, indica Boal, possibilita que o homem mesmo enquanto espectador, não perca o desejo de transformar-se de sujeito passivo a sujeito ativo. Ramos (2000:38), ao manifestar esse desejo no personagem Fabiano, de “Vidas Secas”, revela-o a remoer,

em pensamento, sua humilhação: *“O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mata-ria os donos deles. Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a idéia que lhe fervia na cabeça.”*. Temos aí, a sujeição visível nas relações sociais, enquanto arde na intimidade o desejo de transformar a situação na qual se vive em situação de objeto – que no ser humano se caracteriza como condição reversível e não permanente.

A proposta de Boal intenta justamente, a possibilidade de se perceber o opressor e inverter o movimento, invertendo a cadeia e desvelando a figura que causa a opressão. Isso, no processo educativo se revelaria no desejo de romper opressões instauradas pela padronização, que se constitui em negação da singularidade, ao negar processos de aprendizagem que se mostrem divergentes e ao esperar respostas iguais a exigências pré-determinadas; desejo de climas em que desnecessário seria ao outro renunciar à singularidade, ao que Restrepo (1998:81) considera que: *“O ator político deve tomar a sério sua condição de escultor de sensibilidades.”* – tarefa fundamental da política contemporânea.

No processo proposto por Boal, dá-se o aprendizado coletivo – aprende quem atua e quem especta. A exposição de uma proposta conta com contraposições, passa a ser construída em conjunto e o princípio encontra-se na consideração de que se alguém tentar agir como supõe que outrem agiria, por mais que se deseje ser fiel à ação, ela não se dará da maneira imaginada pelo próprio indivíduo – não há meios para transferir a singularidade e pessoalidade da imaginação e outorgá-la a outro. A possibilidade de compreensão é aumentada, posto não haver predomínio de verdades unilaterais, que fazem com que a incompreensão se instaure nos relacionamentos com os outros. Experimenta-se uma abertura de mundo pelo desejo da compreensão por meio do diálogo, que exige um esforço e leva ao auto-conhecimento, pois ao compreender a vida compreendemos a nós mesmos – e a educação tem aí, seu início e seu fim.

Boal entende que o ser humano ao descobrir sua capacidade de auto-observação, abre caminho para o auto-conhecimento, de difícil percurso por exigir dedicação e perseverança e ser, muitas vezes, doloroso. Caminho que possibilita conhecer o ser íntimo, desconhecido, que se encontra em cada um desde o nascimento até a morte e que, ao ser descoberto, revela algo novo a ser realizado juntamente com uma condição mais humana, que

requer investigação do ser – o que envolve experiências com a negatividade, com a agressividade e também com seus opostos, nada negando para se inserir num processo criativo.

Enquanto sujeito observador de um segundo (ele mesmo) sujeito que age, imagina, elabora alternativas de resoluções e de ações, assume sua criação, sua inventividade, não havendo toque impessoal, camuflagem ou divisão de responsabilidade por sua ação ou decisão. Assume responsabilidade e dificuldades presentes na necessidade de decidir e elaborar. A imaginação verdadeira, criadora é valorizada e não se confunde com a fantasia que gera passividade. Intenta-se resgatar, desenvolver e redimensionar a possibilidade da qual somente o ser humano é dotado – a capacidade de se dicotomizar – para que este possa ter um instrumento de busca de soluções, pois ao desconhecerse, insensibiliza-se consigo mesmo e com os outros, desumaniza-se, aproxima-se mais das máquinas que não possuem sensibilidade ou ética. No processo de auto-observação, o indivíduo se auto-descobre, toma consciência, discerne melhor seu limites, sua ignorância, sua potencialidade, suas possibilidades, abre-se à auto-crítica e pode desenvolver maior compreensão das relações consigo e com o outro. Tem estimulado seus sentimentos e valores como a humildade, a justiça e outros dos quais carece a humanidade. A dimensão afetiva é dicotômica e traz significado ao espaço ao despertar emoções, sensações e pensamentos diferentes em cada observador; cria possibilidade de observar – ver o passado assincronicamente (o que é, o que foi, o que poderia ter sido ou vir a ser) e ver – simular – o futuro.

Geralmente, o processo educativo pauta-se em paradigmas instituídos, que privilegiam o conhecimento científico – o objetivo em detrimento do conhecimento intrínseco ao ser humano, que conduz à sabedoria –, mas Restrepo (1998:81) nos faz lembrar que: *“...a nós se nos oferecem diariamente seres humanos para interagirmos e cultivarmos com eles climas de sensibilidade que permitam alcançar um estado estético favorável à plena expressão das singularidades.”*

Objetivar o preparo de indivíduos úteis, produtivos e eficientes impõe o austero sobre o sensível na prática educativa; propaga relações competitivas e exploratórias entre os seres humanos; coopera na geração de indivíduos com subjetividade deformada – formados em papéis sociais que separam o corpo e a mente, a razão e a paixão, o sentir e o pensar; coopera para a coisificação.

O diálogo entre o externo e o interno é necessário, pois o saber não é suficiente – a vida pede também, sabedoria, para que o ser humano possa ter respeito à vida, à natureza e ao outro, valores que são fundamentais.

A análise após cada acontecimento, a tentativa de compreender a eficácia do que se apresentou e em que a mesma foi acrescida no seu decurso, para que seja um instrumento que se aperfeiçoa nas experiências com as quais se depara traz, na proposta de Boal, o espaço antes reservado a alguns (atores de ofício) para ocupação por outros (espectadores), que até o ocorrido eram considerados inaptos a ocupá-lo – o espectador torna-se sujeito, atua. Não há um grupo que detém a verdade, que soluciona, que evita o diálogo e a compreensão; não há quem domine, ou se submeta e nem preocupação de se fazer algo a contento de alguém ou conforme a maioria faz, por adesão ou comodidade. O processo educativo se permitiria a isso? Pensar, ou repensar a própria concepção de mundo e a dos demais para aprofundar, ou ampliar uma realidade, ou proposta; propiciar àquele que procede na construção do conhecimento ser observador ativo e não simplesmente espectador, ou seja, perceber que ele, sendo o alvo desse processo, deve ser também, o centro de atração do mesmo que, por sua vez, deve ser de interesse de todos.

Seria assegurar que o processo educativo não sirva à perpetuação do autoritarismo, nem negue a possibilidade de reconstrução da dinâmica afetiva dos conteúdos cognoscitivos; relevar que o ser humano é essencial em si e que sem sua presença nada se desenvolve dentro desse processo, pois a ação humaniza e a passividade faz do indivíduo, ressalta Boal (1991:180), “menos que um homem”, tal qual retrata o personagem, em “Vidas Secas”, entre pensamento e exclamação:

– Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. ...descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

– Você é um bicho, Fabiano. (RAMOS, 2000:18)

Percebemos que a ação é intrínseca à natureza humana e necessária para que o indivíduo se humanize e se perceba como tal; é estimulada pelo conflito de idéias, pelo debate, pela argumentação e contra-argumentação – a indagação é a chave que abre um bom debate que, se bom, é mais importante do que uma boa solução. Então, a partir de Boal, consideramos que importa ser permissivo a um aprendizado sem manipulação por parte de quem ensina, para que o aluno elabore e execute seu conteúdo, pois impelir à busca do conhecimento significa enfrentar riscos para encontrar aprendizados significativos e desenvolver uma sensibilidade imaginativa. Ir além da disciplina é também paixão, que no movimento dos conflitos por ela gerados, desenvolve-se em saberes e sabedoria; métodos e conteúdos inseridos no processo impulsionariam o desenvolvimento da sensibilidade, daí importar que a imaginação aflore e possa ser experimentada, testada e ter avaliados seus resultados – ela é elemento fundamental para o aprendizado e dentro do processo educativo está intimamente ligada à memória, como indica Boal (1996a:3) “...não posso lembrar sem imaginação...”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Boal nos revela uma proposta nascida do anseio que lhe pertence, resultado de suas experiências e sensibilidade. Não se furta aos erros ou acertos e descobre nos enganos e desencontros, novos indicadores. Seu teatro permanece aberto à construção, para se constituir em recurso para que a sociedade se abra à alteridade – forme-se por indivíduos protagonistas. Seria este um norte para uma escola que ainda alimenta um pensamento educacional que não corresponde a sua função?

Identificamos na proposta de Boal, possibilidades para que vivências gerem sabedoria, busca e oportunidade de auto-conhecimento. Indicativo, talvez, para a tão falada formação integral do ser humano. Proposta onde o conflito – fruto das relações em sociedade – torna-se objeto de estudo para novas descobertas, saberes e compreensão.

O processo educativo, por esse prisma, comportaria o necessário ao preparo de indivíduos para a participação social, ao desenvolvimento de capacidades sócio-comunicativas de iniciativas e de soluções de problemas – indivíduos constituídos esteticamente, que concebem valores e atitudes diante da polí-

tica, da economia e do consumismo ao estabelecerem compromisso com o bem comum. Seria, então, uma proposta ética plausível ao processo educativo?

O princípio estético que orienta tal proposta revela-se estreitamente ligado à liberdade de cada indivíduo. É um chamado à descoberta de si mesmo, que leva a perceber-se sujeito criativo; à estética da existência, que possibilita o discernimento da própria necessidade, possibilidades, limitações e, conseqüentemente, do outro e da humanidade – da realidade, para que o indivíduo melhor se defina enquanto sujeito que se faz. Compreende observar-se e refletir; ter dedicação e perseverança; viver dialeticamente; desenvolver sensibilidades; adentrar um campo investigativo e criativo, que traz em si experiências diversas – que gera responsabilidade, dificuldades, necessidades – que envolvem decisão e elaboração; e a construção do ser humano como ser que ao tomar consciência de si, percebe possibilidades de que a vida venha a ser uma obra de arte.

REFERÊNCIAS

- BOAL, Augusto. **Stop: C'est Magique!**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- _____. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- _____. **O arco-íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996a.
- _____. **Teatro Legislativo: versão beta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996b.
- _____. **Jogos para atores e não-atores**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- MATURANA R, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro:: Record, 2000.
- RESTREPO, Luis C. **O direito à ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998.

Artigo Recebido em: 31/07/ 2006

Aprovado em: 02/ 10 / 2006